Anais de Artigos
IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4290 Vol. 1, N. 4 (2020)

# Considerações outras sobre viagens de bicicleta, semioses e narrativas cicloturísticas [1]

# Other bicycle travel considerations, semioses and cyclotouristic narratives

Demétrio de Azeredo Soster[2]

**Resumo:** Amplia-se, e se complexifica, no artigo, reflexões em torno dos conceitos de "semioses cicloturísticas" e "narrativas cicloturísticas". A hipótese que nos move é que as semioses cicloturísticas estruturam narrativas cicloturísticas, ou, sob outro ângulo, que a transformação dos relatos em fenômenos midiáticos provoca a emergência de modelos narrativos identificáveis como tal. Considera-se, aqui, a bicicleta antes um fenômeno midiático, afeita, portanto ao plano expressivo simbólico, que objeto técnico, referente ao uso que se faz dela (turismo, trabalho etc). Metodologicamente, a análise será realizada de forma indicial, por meio de exemplos de relatos dessa natureza, escolhidos a partir da relevância de seus autores/narradores. O recorte serão relatos em livros, filmes, postagens em redes sociais etc.

**Palavras-chave:** Semioses; Narrativas; Narrativas cicloturísticas; Cicloturismo.

**Abstract:** In the article, reflections on the concepts of "cyclotouristic semioses" and "cyclotouristic narratives" are broadened and complexified. The hypothesis that moves us is that cyclotouristic semioses structure cyclotouristic narratives, or, from another angle, that the transformation of reports into media phenomena causes the emergence of identifiable narrative models as such. Here, the bicycle is considered to be a media

[1] Trabalho apresentado ao IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais. PPGCC-Unisinos. São Leopoldo, RS.

ISSN 2675-4290 Vol. 1, N. 4 (2020)

phenomenon beforehand, therefore, it affects the symbolic expressive plane, which is a technical object, referring to the use made of it (tourism, work, etc.). Methodologically, the analysis will be carried out in an indexical manner, through examples of reports of this nature, chosen from the relevance of their authors / narrators. The clipping will be reports in books, films, posts on social networks, etc.
**Keywords:** Semiosis; Narratives; Cyclotouristic narratives; Cycling tourism.

Este artigo amplia e complexifica, a partir das contribuições dos pareceres e debates realizados durante o IV Seminário Internacional de Pesquisa em Midiatização e Processos Socias, algumas reflexões que temos realizado em torno daquelas que classificamos como "semioses cicloturísticas" e e "narrativas cicloturísticas". Semioses são, já o dissemos, e no diálogo com Verón (1980, 2004), redes interdiscursivas de produção de sentido. Ou seja, sentidos que emergem a partir de complexas relações sócio-técnico-discursivas. Já cicloturismo tem a ver com o uso que se faz da bicicleta para fins turísticos ou de entretenimento (SOSTER, 2017, 2018, 2019).

Estamos falando de redes interdiscursivas de produção de sentido que se estabelecem quando ciclistas se utilizam de suas bicicletas para viajar, conhecem lugares, encontram pessoas e relatam, antes, durante ou depois das viagens, suas vivências em dispositivos como livros, sites, redes sociais, podcasts, videocasts, documentários etc. Já "narrativas cicloturísticas" são relatos que, por sua natureza, estruturam, a partir de viagens de bicicleta, o que chamamos, com Motta (2012, 2013), de "sentido da vida", à medida que, ao representar o vivido, dão sentido e emprestam significação ao mesmo. É dizer, por outras palavras, que teremos narrativas cicloturísticas quando as semioses decorrentes da processualidade de midiatização tiverem lugar, o que nos sugere que estamos diante de um problema de circulação.

Fausto Neto (2010) delimitou e sintetizou a evolução do conceito de circulação em cinco fases distintas:

Anais de Artigos
IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4290 Vol. 1, N. 4 (2020)

**1 circulação como ação tecno-discursiva** (os estudos sobre a circulação compreendem o fenômeno como uma espécie de 'zona automática' de passagem de discursos);

**2 circulação como terceiro** (a circulação é vista aqui como uma produção discursiva, portanto, relacional e não apenas de caráter transmissional).

**3 como zona de indeterminação** (a circulação é compreendida como dispositivo, ou seja, como espaço gerador de potencialidades.

**4 circulação como diferença** (aponta a circulação como resultado de diferenças entre gramáticas de produção e reconhecimento),

e finalmente,

**5 como ponto de articulação** (a circulação ganha o estatuto de dispositivo, ou seja, como ponto de articulação entre gramáticas de produção e reconhecimento).

Pensar a circulação como dispositivo (5), nossa opção, implica subsumir que ela, ao se estabelecer como "lugar situacional", posiciona-se, também, como ponto de articulação – sabemos, desde há muito, que todo lugar é um ponto de articulação, à medida que nada existe isoladamente. As marcas deixadas nas superfícies dos objetos analisados são as pistas que nos permitem compreender como estas articulações se estabelecem, à revelia da instância analisada. Marcas, segundo Verón (2004, p. 53), elas, "(...) podem ser interpretadas como traços das operações de produção e como traços que definem o sistema de referências das leituras possíveis do discurso no reconhecimento".

O conceito de "semioses cicloturísticas" veio a público, pela primeira vez, no seminário "Olhares sobre a narrativa jornalística[2]", na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), em agosto de 2019, e foi tensionado em pelo menos dois outros

[2] Promovido pelo promovido pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação (POSCOM) e o curso de Jornalismo da UFSM.

ISSN 2675-4290 Vol. 1, N. 4 (2020)

momentos: 1) em um capítulo do livro Narrativas de Viagem/Travel Narratives (PASSOS; SOSTER, 2019), e 2) em artigo aceito para publicação na revista publicação na Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação (RBCC), citado acima.

As "Semioses Cicloturísticas" se dividem em quatro eixos. São eles:

**Eixo 1 – Acadêmico.** É onde se inserem as reflexões em torno da midiatização e sua relação com as narrativas de bicicleta, caso deste artigo. Teremos semioses cicloturísticas de natureza acadêmica quando, assim, quando artigos sobre o tema forem escritos, conceitos forem estruturados, o tema for discutido em esferas acadêmicas etc,

**Eixo 2 – Estético.** Contempla a produção estética em torno do cicloturismo. Ou seja, os livros, filmes, fotografias etc. produzidos a partir das referidas viagens de bicicleta para fins de fruição estética. A fronteira entre o estético e o acadêmico-reflexivo, sabemos, é tênue; a delimitação, aqui, e uma vez mais, deve ser compreendida como intexadora de camadas mais profundas de significação. Uma semiose cicloturística terá esta característica quando, por exemplo, um documentário for editado para narrar uma avetura vivida.

**Eixo 3 – Orgânico.** São as viagens de bicicleta e demais movimentos que os cicloturistas realizam. Ou seja, a coisa em si, essencial, primeira, não racionalizada e nem elaborada; soretudo, vivida. Podemos pensar as semioses cicloturísticas, no que tem de orgânicas, a base sobre as quais todas as demais semioses se assentam.

**Eixo 4 – Sistêmico.** Relaciona-se com os movimentos que, ao fim, ajudam-nos a identificar o cicloturismo como uma atividade a um tempo interligada e distinta de todas as demais. Por este viés, compreendemos o cicloturismo como uma modalidade de ciclismo que possui gramáticas processuais próprias, a ponte de ser identificável como tal, mas que, no entanto, está ligada às demais formas de ciclismo, estabelecendo, dessa forma, um perfil identitário.

Os quatro eixos coexistem e uma relação de complementaridade; pensar em um implica subsumir a existência do outro. Neste sentido, e tendo o eixo 1 como indexador

Anais de Artigos
IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4290 Vol. 1, N. 4 (2020)

de camadas mais profundas de significação, parte-se do princípio que os sentidos gerados por estas gramáticas 1) não apenas podem ser identificáveis por meio de pistas discursivas deixadas na superfície dos relatos analisados, à revelia da linguagem ou do dispositivo que se utilizem, como 2) formam modelos narrativos que nos permitem identificá-los como tal por meio das referidas pistas. Criam, e eis a hipótese que nos move, padrões de integibilidade que chamamos de "narrativas cicloturísticas".

É por isso que é comum, em relatos dessa natureza, encontrarmos a perspectiva de transformação pessoal pelo movimento. Foi o que observamos, ainda que seminalmente, em artigo publicado pela revista Intercom, intitulado "A midiatização, as narrativas de bicicleta e os fenômenos midiáticos". Ao analisarmos relatos de livros impressos que se referiam, no todo ou em parte, a transformações pessoais ocorridas em decorrência do uso da bicicleta como forma de turismo ou lazer, inferimos que isso se dava, entre outros fatores, devido a complexificações provocadas pela processualidade da midiatização nas gramáticas circunscritas.

A hipótese era de que a emergência e potencialização de narrativas dessa natureza eram decorrência da transformação de relatos sobre viagens de bicicleta em fenômenos midiáticos. Para Verón, "(...) tenemos um *fenómeno mediático* solo a partir del momento em que los signos poseen, em a algún grado, las propriedades de autonomia tanto a respecto de la fuente como del destino, y de persistencia em el tempo[3]" (VERON, 2013 p. 145-146). Ou seja, o aludido caráter de transformação inerente a este modelo narrativo é um fenômeno que se verifica quando as viagens narradas se tornam, a um tempo, autônomas e persistentes do ponto de vista discursivo e geram, a partir desta condição (autonomia e persistência), sentidos diferenciados em decorrência da processualidade da midiatização.

[3] Em uma tradução livre do autor: "(...) temos um fenômeno da mídia apenas a partir do momento em que os signos possuem, em algum grau, as propriedades da autonomia, tanto no que diz respeito à origem e ao destino, quanto à persistência no ritmo".

Anais de Artigos
IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4290 Vol. 1, N. 4 (2020)

Agregamos agora, a partir deste ponto, outra perspectiva, de matizes narrativos: se, de um lado, é a transformação dos relatos em fenômenos midiáticos que lhes empresta, estruturalmente, certa linearidade discursiva – escrita referencial, em primeira pessoa, caráter fático etc. – o que se tem, ao fim, é a emergência de modelos narrativos identificáveis como tal. Por quê? Porque se transformam, dessa forma, em estruturas narrativas, que, por sua vez, "(...) não representam simplesmente a realidade, de forma referencial: elas apresentam e organizam o mundo, ajudam o homem a constituir a realidades humana" (MOTTA, p. 30, 2012)

Por estruturas narrativas estamos nos referindo, no diálogo com Motta (2012, p.71), a "(...) eventos de interesse humano enunciados em um suceder tempotal encaminhado a um desfecho". Na gênese desse conceito, ainda com Motta reside tanto a perspectiva de sucessão como a de mudança e transformação. Com um diferencial:

> A narrativa põe naturalmente os acontecimentos em perspectiva, une pontos, ordena antecedentes e, consequentesmente, relaciona coisas, cria o passado, o presente e o futuro, encaixa significados parciais em sucessões temporais, explicações e significações estáveis (MOTTA, 2012, p. 71).

A abordagem sugere que estamos considerando a bicicleta, aqui, portanto, antes um fenômeno midiático, afeita, portanto ao plano expressivo simbólico, que objeto técnico, referente ao uso que se faz dela (turismo, trabalho etc). É dizer, por outras palavras, que nosso objeto são, antes, os relatos que se faz das viagens de bicicleta, à revelia do dispositivo onde são veiculados, e da linguagem que se utilizem – e os sentidos que emergem deles, que necessariamente a tecnologia "bicicleta" e a técnica necessária a seu uso, seja ele qual for.

Isso posto, e para dar conta de nosso propósito metodologicamente, ou seja, compreender como as semioses cicloturísticas estruturam narrativas cicloturísticas, tentaremos compreender como isso se dá a partir de exemplos empíricos. Faremos isso de forma indicial, por meio de exemplos de relatos dessa natureza, escolhidos a partir da

ISSN 2675-4290 Vol. 1, N. 4 (2020)

relevância de seus autores/narradores. A história contada por um cicloturista será mais relevante se disser respeito, por exemplo, a uma viagem de bicicleta com mais de um mil quilômetros e por mais de dez dias; menos relevante, abaixo desse patamar.

Nosso recorte serão relatos em livros, filmes, postagens em redes sociais etc. em que as referidas narrativas são encontradas, o que nos sugere o uso de metodologia de natureza qualitativa. A abordagem permitirá observar, nas superfícies analisadas, o que Demo (2000) chama de "o lado subjetivo dos fenômenos". Ou seja, mais que registros de vivências, a essência do vivido; que, uma vez considerados discursivamente, transformam depoimentos em dados passíveis de interpretação. Usaremos discurso na perspectiva atribuída por Verón (2004, p. 61), para quem a noção "(...) não designa apenas a matéria linguística, mas qualquer conjunto significante considerado como tal (...)".

Pensar as semioses nesta perspectiva implica, de um lado – um olho na semiótica de Peirce, que inspirou Verón, em considerar que estamos falando de complexos processos de produção de sentidos que se dão em condições muito especificas de circulação. Ou seja, que tem a ver com as viagens, seus caminhos e viajantes, mas, também, com quem acessa seus relatos e com o que emerge dessa relação.

Com Verón (2013) aprendemos que a constituição dos objetos se dá, de um lado, por meio de condições e gramáticas de produção, afeitas às propriedades destes objetos; e, de outro, por gramáticas e condições de reconhecimento, ligadas a coletivos de atores individuais; portanto de natureza plural de não linear. Os sentidos que emergem das referidas gramáticas é que personificam, ao fim, os objetos. E que, dificilmente, dada a complexidade destas operações, pode-se apreendê-las no todo – "(...) dificilmente uma investigación podrá abarcar todos sus aspectos" (VERÓN, 2013, p. 294).

Circunscreveremos, portanto, nossa análise no âmbito das gramáticas de produção, ou seja, na instância em que as operações são explicitadas, acessíveis pelas pistas deixadas nas superfícies dos relatos analisados. Considerando as limitações

ISSN 2675-4290 Vol. 1, N. 4 (2020)

espaciais, nosso objeto serão filmes e livros escolhidos aleatoriamente. Comecemos pelo curta-metragem "MAJE – Sentimentos de estrada", narrado pelo cicloturista Juan DeCarlo, de El Salvador, que desde 2015 viaja de bicicleta pelo mundo e está disponível no youtube[4].

Em 6'27 de filme, a partir da sobreposição de imagens dos lugares por onde passou, dele próprio, narrações em *off* e trilha sonora, somos convidados a conhecer as gentes que encontrou no caminho, os lugares por onde passou, o que ele viu e viveu ao longo dos dias em que esteve na estrada. O motivo? é sugerido logo nos primeiros frames, e se acentua à medida que a narrativa avança: por meio de um letreiro branco sobre uma tela preta: um texto assinado por Juan Demarco afirma, em síntese, que "Cada um é livre para buscar sua liberdade e a proclamar como quiser (...)'

Na sequência, o letreiro some, entra uma música de fundo, a tela fica escura e, aos poucos, clareia e mostra, em close, defronte a uma parede, o rosto de Juan DeCarlo, que assume o papel de narrador. Afirma, em espanhol, o rosto triste, que "há muitos sentimentos que passam pela gente quando estamos na estrada", que estes sentimentos são bons e ruins; sobretudo, bons. Em seguida, a tela escurece novamente; surge, em branco, o nome dofilme – MAJE, e a narrativa assume um tom autobiográfico: Juan DeCarlo, ao ar livre, junto á sua bicicleta, se apresenta; diz quem é. Antes, no entanto, pergunta "Já?", o que sugere que ele, além de narrador, é ator do filme, que está sendo gravado por alguém.

**IMAGEM 1:** MAJE, sentimentos de estrada

[4] Disponível em: [https://youtu.be/LxGLPxxqXsk] Acesso em [20 de julho de 2020]

Anais de Artigos
IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4290 Vol. 1, N. 4 (2020)



**Fonte:** https://youtu.be/LxGLPxxqXsk

Nos primeiros momentos da narrativa, diz que está viajando há três anos e o faz porque, desde criança, sempre gostou de aventuras. Na sequência, são exibidas imagens em ambientes abertos em que ele aparece, sempre à distância, pulando rios, pedalando por estradas, subindo morros, o que pressupõe a existência de uma alguém gravando as imagens. Quando outros personagens se agregam à narrativa, ouve-se vozes ao fundo e o clima é de alegria, a música sempre ao fundo.

Aos 2'05, no entanto, a imagem de seu rosto em close retorna e o tom se torna confessional, reflexivo. Os sentimentos são novamente convocados – a felicidade e a ira, principalmente, para concluir, uma vez mais, "que todo es bonito". As eventuais lágrimas, explica, são parte deste momento, "(...) mas é algo bom, porque parece que é o corpo que te pede", explica. "Mas chorar de felicidade, de gozo." Aos 3'53, no entanto, o tom se torna mais transcendental: "É isso que a vida te ensina quando se está na estrada; te ensina a ver a si internamente". De que forma? "Como se estivesse aprendendo, nascendo novamente". Ao fundo, imagens de montanhas, paisagens, distâncias.

A narrativa se encerra com o ator/narrador dizendo que todos estes sentimentos, reunidos, transformam a nós mesmos e às pessoas a nosso redor. "Isso que é a viagem: largar tudo, despir-se de tudo. Isso te ensina um montão de coisas", afirma.

Anais de Artigos
IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4290 Vol. 1, N. 4 (2020)

Um outro exemplo significativo, ainda no plano audiovisual, é o filme Pedal, disponível na plataforma Vímeo[5], em que a cicloturista holandesa Hera Van Willich narra sua jornada ao longo de 43 países e de forma autosuficiente. A narrativa se inicia com imagens em plano aberto mostrando, do alto, a ciclista pedalando em uma estrada desértica, cercada de montanhas, para, logo em seguida, e após a apresentação do filme, afirmar, a imagem de seu rosto em close, "eu cresci em uma bicicleta".

IMAGEM 2: volta ao mundo de bicicleta




FONTE: https://vimeo.com/237284378

O que se segue, a partir daí, é a imagem de uma sequência de fotos da infância de Hera, em formato *slideshow*, onde sua voz, ao fundo, salienta como a bicicleta esteve presente em sua vida desde cedo, e como foi fundamental para seu desenvolvimento desde então. Estabelece, a narrativa, uma perspectiva segundo a qual, em uma interpretação possível, tanto bicicleta como ciclista são partes indissociáveis, sensação essa que ganha mais força quando, adiante, a voz ao fundo, e as imagens, começam a descrever o que significa viajar dessa forma pelo mundo.

O sentido da narrativa vai sendo construído aos poucos: mais que uma aventura de uma ciclista solitária pelo mundo, o que se busca é a transcendência. É o que se observa em 2'12, quando as imagens mostram a ciclista se preparando para mais um dia de pedal e a câmara faz um close em um botton onde está escrito, em inglês, "love and

[5] Disponível em: [https://vimeo.com/237284378] Acesso em: [21 de julho de 2020]

Anais de Artigos
IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4290 Vol. 1, N. 4 (2020)

gratitude". Ou seja, amor e gratidão. Trata-se de uma deixa para o que vem a seguir: uma viajante entrando em contato com outras pessoas, outras culturas, e afirmando, textualmente, que a bicicleta lhe permitiu isso tudo. "Meu ciclismo não é para quebrar recordes, atingir metas ou ser mais rápido", frisa.

Um terceiro e último exemplo no plano audiovidual é Journey as Destination, igualmente disponível no Vímeo[6]. Nele, o cicloturista Dave Achtemichuk narra, por meio de imagens, vozes em *off* e música de fundo, a cicloviagem de 4.500 km que ele fez em 2007 através do Tibet. A angulação está mais centrada no desafio que representou pedalar por algumas das mais altas e remotas estradas do mundo, bem como no estilo de vida dos cicloturistas, mas não apenas: a imensidão das montanhas, os símbolos religiosos, as gentes tantas e tão exóticas dão um tom transcendental à narrativa.

**IMAGEM 3:** desafios e estilo de vida




**Fonte:** https://vimeo.com/4481018

Chama atenção, nesse sentido, desde as primeiras imagens, a exemplo do que ocorre nos vídeos anteriores, que Dave, posiciona-se, igualmente, como personagem, ou ator, da narrativa, mas há uma diferença: o distanciamento. Ele nunca aparece nas imagens segurando a câmara; mesmo nos primeiros frames, quando está dentro da barraca, reclamando do frio, é visto à distância. Torna-se, assim, personagem do vivido,

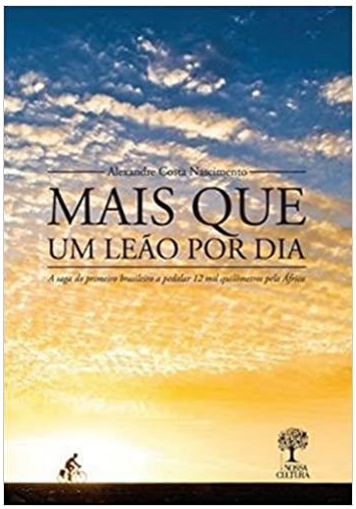
[6] Disponível em https://vimeo.com/4481018

Anais de Artigos
IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4290 Vol. 1, N. 4 (2020)

o que sugere a presença de um segundo viajante, ainda que oculto. O mistério é solucionado ao final, durante os créditos, quando somos apresentados a Linden Hulme, sua namorada, igualmente "viajante", que cumpre o papel de um narrador demiúrgico.

Com as narrativas em livros as transformações que emergem de semioses cicloturísticas são igualmente identificáveis. É o caso, por exemplo, do livro "Mais que um leão por dia: a saga do primeiro brasileiro a pedalar 12 mil quilômetros pela África" (NOSSA CULTURA, 2015), do jornalista Alexandre Costa Nascimento. Ele pedalou durante 121 dias ao longo de 11 países como integrante do *Tour d'Afrique*, uma espécie de "safari de bicicleta que percorre o continente, literalmente, de norte a sul.

**IMAGEM 4:** África de norte a sul




**Fonte:** internet

Mais que a descrição de uma longa, exaustiva, e, por vezes, perigosa aventura de bicicleta, ainda que também o seja, o que temos, no livro, ao fim, é a descoberta de um caminho que redundou, ao fim, em uma transformação pessoal: "(...) pude refletir sobre cada importante momento de minha vida, tocar minhas próprias emoções, reconhecer meus medos, fraquezas e também virtudes (...)", salienta, para logo depois completar: "(...) o que me torna mais bem preparado para ambicionar novos sonhos e conquistar novos horizontes." (2015, p. 380).

ISSN 2675-4290 Vol. 1, N. 4 (2020)

Como ele chega a esta conclusão? Descrevendo, textualmente e por meio de fotos, cada um dos momentos, etapas e caminhos trilhados para chegar até onde chegou. Ao fazê-lo, estrutura narrativamente o vivido, humanizando o tempo, transformando pessoas, locais e momentos em personagens. Sobretudo, permitindo, por meio do registro de suas vivências, que se tire, da viagem, um sentido maior que a simples superação de uma marca.

Algo semelhantes podemos dizer da Aurélio Magalhães e seu "Noruega by Bike" (REINO EDITORIAL, 2012). Em abril de 2011, depois de mais de um ano de preparativos, o cicloturista se lançou para uma expedição que percorreria, durante 45 dias, 5 mil quilômetros de um país distante e gelado, inóspito mesmo para quem se aventura por ele em veículos confortáveis e calafetados. Somos informados, desde antes do início da viagem, que este era um sonho antigo de Magalhães; que já estivera antes na Noruega, que decidira percorrê-la de bicicleta por causa da aventura, os preparativos que fez para tornar isso possível etc.

O ciclista é, a um tempo, protagonista e narrador. Descreve, evidentemente, o que viu e viveu ao longo do percurso, mas oferece a quem com ele dialoga, por exemplo, receitas dos pratos que comeu ao longo do caminho – a culinária lhe encanta, igualmente. Explicita-se, também, por meio de fotos, uma de suas predileções. Tem-se, dessa forma, lendo o livro, uma vez mais, uma convite à aventura, mas não apenas: ao final, quando reflete sobre o que viu e viveu ao longo dos quase dois meses em que esteve viajando, faz uma espécie de libelo à solidão:

> Muitos me perguntam: 'Por que foi sozinho?' Até poderia tentar achar alguém, mas não é em qualquer esquina que você acha um 'louco" que viaje de bike. E quando consegue achar, geralmente este 'louco' não é tão louco para ficar tanto tempo fora assim. Eu queria viajar sozinho e enfrentar sozinho tudo o que enfrentei. (...) 'Estar só' é completamente diferente de 'ser só'. 'Ser só pode estar relacionado a uma série de coisas ruins, no entanto, pordemos 'nos fortalecer' quando estamos sós por um tempo. (...) Sozinho penso melhor porque me escuto melhor" (2012, p. 296)

ISSN 2675-4290 Vol. 1, N. 4 (2020)

Um terceiro e último exemplo é o "Avenida das américas: uma viagem de bicicleta pela América Latina" (NAU EDITORA, 2003), de Carlos André Ferreira. A partir do dia 10 de abril de 1992, desde Los Angeles, nos Estados Unidos, o cicloturista atravessou, de bicicleta, em uma viagem de cinco meses, as américas do norte, central e parte da sul, até finalmente chegar no Rio de Janeiro, onde encontrou sua família.

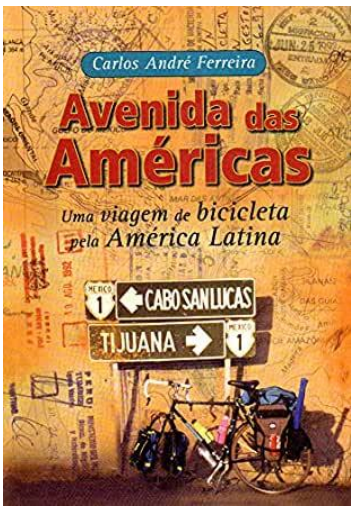
A narrativa é estruturada em capítulos, cada capítulo correspondendo a uma etapa da viagem. O tom é impressionista desde o início, em primeira pessoa, focado nas vivências, nos relatos do vivido.

Ficamos sabendo, pelo personagem-narrador Carlos André Ferreira, como foi sua chegada à fronteira do México, os aclives que precisou enfrentar, as pessoas que encontrou no caminho, como foi pedalar longas distâncias sob o sol e com uma bicicleta carregada. Aos poucos, no entanto, marcas deixadas na superfície dos relatos vão denunciando a emergência de outros sentidos.

É o caso, por exemplo, da legenda à página 67, onde aparecem, cicloturista e bicicleta, sob uma placa advertindo que é proibido pedalar naquele lugar: "(...) eu não me considerava mais em uma simples bicicleta, estava em um veículo transcontinental (...)" (2003, p. 67) Ou mais adiante, quando chega a Cali, na Colômbia: haveria, nos próximos dias, um festival de reggae, mas a dúvida passou a fazer parte da bagagem do cicloturista: "O pior mesmo era ficar parado. Minha viagem era do movimento, estava sempre em movimento. A ideia me soava incrível, de muita animação. Resolvi pensar melhor." (2003, p.121). Vejamos um último exemplo antes das necessárias interpretações.

Anais de Artigos
IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4290 Vol. 1, N. 4 (2020)

**IMAGEM 5:** uma longa jornada




Fonte: Internet

**Considerações interpretativas**

Refletir sobre a emergência do que chamamos de "semioses cicloturísticas" como mecanismos por meio dos quais "narrativas cicloturísticas" se estruturam implica subsumir que as referidas narrativas são decorrência da transformação de relatos em fenômenos midiáticos. Ou seja, que as histórias contadas pelos cicloturistas quando de suas viagens de bicicleta se tornam narrativas (no caso, cicloturísticas) a partir do momento em que são registradas em dispositivos como filmes e livros e permanecem, dessa forma, no tempo.

Permanecer no tempo implica materialidade, ou seja, estar fixo em algum dispositivo, e, com isso, gerar o que Verón chamava de historicidade. Em palavras mais simples, as condições para que as transformações tenham lugar. É neste ponto, e eis o desafio que se apresenta daqui para a frente, que se localiza a capacidade transformadora das narrativas, ou seja, o que faz com que, ao estruturar relatos, tornem-

ISSN 2675-4290 Vol. 1, N. 4 (2020)

se não apenas identificáveis como estruturas narrativas mas, também, potencialmente transformadores.

## Referências

FAUSTO NETO, A. As bordas da circulação. *In*: MEDIATIZACIÓN, SOCIEDADE Y SENTIDO: DIÁLOGOS ENTRE BRASIL E ARGENTINA. COLOQUIO DEL PROYECTO "MEDIATIZACIÓN, SOCIEDADE Y SENTIDO: APROXIMACIONES COMPARATIVAS DE MODELOS BRASILEÑOS Y ARGENTINOS. 2010. Universidad Nacional de Rosario, Argentina. **Anais...**. Departamento de Ciencias de la Comunicación. 2010.

MOTTA, L. G. **Análise crítica da narrativa**. Brasília (DF): Editora UnB, 2013.

MOTTA, L. G. Por que estudar narrativas? *In*: MOTA, C. L.; MOTTA, L. G.; CUNHA, M. Ja. **Narrativas midiáticas**. Florianópolis: Editora Insular, 2012.

PASSOS, Mateus Yuri. SOSTER, Demétrio de Azeredo. (orgs.) **Narrativas de Viagem/Travel Narratives.** Santa Cruz do Sul: Editora Catarse, 2019.

SOSTER, Demétrio de Azeredo. O cicloturismo e a transformação por meio das narrativas de bicicleta. In: PASSOS, Mateus Yuri. SOSTER, Demétrio de Azeredo. (orgs.) **Narrativas de Viagem/Travel Narratives.** Santa Cruz do Sul: Editora Catarse, 2019.

SOSTER, Demétrio de Azeredo. **O cicloturismo, o jornalismo e a midiatização das narrativas de bicicleta.** Campina Grande (PB): Eduepb, 2018. E-pub

SOSTER, Demétrio de Azeredo. A midiatização das narrativas de bicicleta. In:

VERÓN, E. **La semiosis 2**: ideas, momentos, interpretantes. Ciudad Autônoma de Buenos Aires: Paidós, 2013.

VERÓN, E. **Fragmentos de um tecido**. São Leopoldo: Editora da Unisinos, 2004.

VERÓN, E. **A produção de sentido**. São Paulo: Cultrix, 1980.